

17 HAIKUS EM PORTUNHOL SELVAGEM

17 HAIKUS IN PORTUÑOL SELVAGEM



Douglas DIEGUES
Pesquisador autônomo
Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3245-400X>
douglasdiegues@gmail.com

Resumo: Tradução e comentário de haikais do Japonês para o Portunhol Selvagem, língua fictícia inventada por Douglas Diegues a partir da realidade idioletal da fronteira do Brasil com o Paraguai.

Palavras-chave: Haiku. Portunhol Selvagem. Douglas Diegues.

Abstract: Translation and commentary of haikais from Japanese to Wild Portunhol, a fictional language invented by Douglas Diegues from the idioletal reality of the Brazilian-Paraguayan border.

Keywords: Haiku. Portunhol Selvagem. Douglas Diegues.

1

Traduzir de linguas que existem para linguas que non existem talvez seja possíbel
apenas em portunhol selvagem.

Segundo Dirce Waltrick do Amarante e Alai Garcia Diniz, "as traduções para o portunhol selvagem também partem do princípio da descrição da obra, ou melhor, da criação de uma nova obra, pois tomam a obra de origem quase que apenas como pretexto.

Um exemplo de tradução selvagem é este haiku de Issa, cuja fonte foi o inglês: *The wren / earns his living / noiselessly* (A carriça / ganha sua vida / silenciosamente). Em portunhol selvagem os versos ficaram assim, na versão de Douglas Diegues¹:

la piedra es una sábia
passa la vida
sin hablar nada."

Non se trata de traduzir el sentido literal nem de adaptarlo a otra lengua. Trata-se, más bien, de um processo de transdelírio em que o tradutor crea uma obra paralela onde se mantiene prendido el fogo de la lengua original. Um bom transdelírio seria aquele que consegue manter



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

aceso el tataéndy (fogo em guarani) del original na lengua traduzida.

No célebre “A history of haiku”, R. H. Blyth relata que uma vez Shunzei perguntou a Mototoshi qual eram los exercícius necessários para los que quisessen avanzar nel caminho de la poesia.

Mototoshi respondeu o seguinte: “La luna pálida sobre el pasto alto de um campo seco”. (2) Nesta antologia breve, transdeliramos haikus de Bashô, Buson, Issa, Kubutsu, Seibi y também uma amostra de la práctica del haiku del monge borracho Taneda Santoka, non muy conocido nel lado brasileiro de la frontera.

Antes de traduzir estes Haikus passei mais de 30 anos praticando “La luna pálida sobre el pasto alto de um campo seco”.

Notas

- (1) Amarante, D. W. do, & Diniz, A. G. (2013, 23-26 setembro). *Tradução selvagem: da tradução de línguas inventadas à retextualização intercultural* [Simpósio]. XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- (2) Blyth, R. H. (1963). *A history of Haiku* (Vol. 1). The Hokuseido Press; Blyth, R. H. (1964). *A history of Haiku* (Vol. 2). The Hokuseido Press; e Franchetti, P., & Taeko, E. (Eds.). (1990). *Haikai, Antologia e História* (1ª ed.). Editora Unicamp.

BASHÔ

pas tos del ve ra no!
es to do lo que fi cou
de los su e ños de los guer rei ros

natsugusa ya
tsuwamonodomo ga
yume no ato

*

luna de outono
passei la noche passeando
al redor del lago

meigetsu ya
ike wo megurite
yo mo sugara

*

nel orvalho de la mañana
sinta el frescor
del melón sujo de lama

asa-tsuyu ni
yogorete suzushi
uri no doro

NATSUME SEIBI (1749-1816)

kuan do co mien zo a ma tar mos cas
ten go um fe roz de se jo
a ca bar con e las to das

hae utte
tsukusan
to omou kokoro kana

KOBAYASHI ISSA (1763-1827)

lluvia de primavera!
uma crianza
ensina al gato una danza.

harusame ya
neko ni
odori wo
oshieru ko

*

vou dar u ma vuel ti ta —
fi quem nu ma bo a
mos cas de la ca si ta

rusu ni suru zo
loi shite asobe
iwo no hae

*

nu ma bo a em Sa bi shi sa
ven ta el vien to del ou to no
co mo mi nha co mi da

Sabishisa ni
meshi wo ka nari
aki no kaza

*

primera nieve de invierno!
mio big tesouro
es um penico viejo

hatsu yuki ya
tchi no takara no
furu-shibin

*

el apanhador de nabos
com um nabo
indica el camino

daiko-hiki
daikon-de
michi-wo oshiekeri

*

BUSON (1716-1784)

kuan do ven ta el ven to o es te
a mon to nan se nel les te
las ho jas ca í das

nishi fukaba
higashi ni tamaru
ochiba kana

KUBUTSU (1875-1943)

de boca aberta
el bebê es um buda
contemplando flores caídas

kuchi aite
rakka
nagamuru ko wa
hotoke

TANEDA SANTOKA (1882-1940)

abro la janela
y explode
la primavera

mado akete
mado ippai no haru

*

libélula
estoy sem roupa
atentti adonde pousas

suppadaka e
tonbô tomarô to suru ka

*

interlocutores despidos
el papo
es mucho mais divertido

hadaka de
hanashi ga hazumimasu

*

bajo la Vía Láctea
danza en la escuridón
el borracho perdido

ama no kawa
mayonaka no
yoidore wa odoru

*

shimijimi
ikasarete iru koto ga hokorobi nû toki

emoción profunda
por estar vivo
hora de remendar as roupas

¹ Douglas Diegues (Rio de Janeiro, 1965) é poeta e tradutor. Em 2002 publicou “Dá gosto andar desnudo por estas selvas – Sonetos Salvajes”, Travessa dos Editores, Curitiba, considerado o primeiro livro de poesia escrito em português no âmbito das literaturas hispanoamericanas.